

# A Concepção de trabalho em Anton Pannekoek

Erisvaldo Souza\*

## Introdução

Anton Pannekoek tem uma produção intelectual crítica em relação à sociedade capitalista em seus diversos aspectos como o Estado, partidos políticos, sindicatos<sup>1</sup> e a burocracia. Esse autor foi um estudioso que a partir de suas concepções teóricas passou a desenvolver pesquisas para compreender as relações sociais no interior da sociedade capitalista, buscando contribuir com a crítica e superação dessa sociedade.

Em seus estudos sobre a realidade da sociedade capitalista, desenvolveu também reflexões interessantes sobre a organização da classe operária, suas relações de trabalho, sobre os conselhos operários e a revolução proletária. Assim, temos como proposta neste artigo, realizar uma discussão sobre a concepção de trabalho desse autor e ao mesmo tempo apontar sua perspectiva de transformação social a partir da luta coletiva dos trabalhadores e consequentemente uma mudança brusca nas relações de trabalho.

E qual seria então sua concepção de trabalho? Essa é a questão a ser respondida ao longo da argumentação nesse artigo. A base para a discussão é a obra *Os Conselhos Operários*<sup>2</sup>, onde o autor para chegar a sua análise sobre essa questão, realiza um estudo sistemático da sociedade capitalista e sua forma de organização, de gestão e como a classe operária pode enfrentar de forma organizada a classe dominante através de suas lutas e reivindicações.

O ponto de partida para sua análise é a sociedade capitalista e a forma como os indivíduos se organizam no âmbito desta e nos seus mais variados aspectos, dentre eles, as relações de trabalho na qual estabelecem entre si. Assim, nossa proposta visa estudar a concepção de trabalho de Anton Pannekoek na sociedade capitalista e logo depois analisar qual vai ser sua proposta a partir de um outro modelo ou concepção de trabalho em outra forma de organização da sociedade.

---

\* Graduado em História e especialista em Ciência Política pela Universidade Estadual de Goiás. Mestre e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Autor do livro: *Sociedade, Intelectualidade e Engajamento* (2020).

<sup>1</sup> Esta crítica pode ser encontrada na obra *Partidos, sindicatos e conselhos operários*. Rio de Janeiro, Rizoma, 2011.

<sup>2</sup> A tradução na qual estamos utilizando possui outro título que é *Conselhos de Trabalhadores*, mas no original é o título presente dentro do texto.

A obra *Os Conselhos Operários* de Anton Pannekoek foi publicada em 1947, período marcado pelo fim da segunda Guerra Mundial e o contexto da guerra fria. Esse período marca um momento de tensão dentro da organização da classe operária na Europa e em diversos outros países. No período entre as duas guerras houveram avanços importantes em suas lutas<sup>3</sup>, que foram iniciados na década de 1910 em países como a Alemanha e Rússia.

Sua obra aponta caminhos e tem um direcionamento claro, que é a classe operária, sua organização e luta. Desta maneira, tem como objetivo contribuir com a luta dos operários de todo o mundo. Sua concepção de trabalho, vai levar em conta o cotidiano dos operários europeus que era onde Pannekoek tinha uma percepção mais clara desta realidade, por isso sua investigação vai ser na busca para compreender como eram as relações de trabalho no âmbito de fábricas e indústrias.

Entretanto, sua concepção de trabalho no capitalismo é sistemática, pois tem objetivos bem definidos concretamente, que é demonstrar para a sociedade em geral e mais diretamente para a classe operária como esses são explorados cotidianamente no local de trabalho (fábricas, indústrias, construção civil, minas etc.). Sua concepção de trabalho mostra também como a classe operária vai cada vez mais sendo dominada no espaço das relações de trabalho, mas ao mesmo tempo resistindo e se organizando contra seus patrões e condições de trabalho.

Assim, essas relações de trabalho na sociedade capitalista são uma das preocupações de Anton Pannekoek, por isso esse autor busca entender essas relações de trabalho em suas especificidades e compreender as práticas dos capitalistas em sua totalidade. Desta forma, o autor é um estudioso não só das relações de trabalho, mas também da sociedade capitalista em termos econômicos, sociais, políticos etc. Assim, podemos perceber que esses elementos constituintes da sociedade, não estão separados, ou seja, são uma totalidade em que as classes sociais estão inseridas e em luta. Em alguns momentos estas lutas podem ser mais acirradas, principalmente quando a classe operária avança em suas lutas.

Sua obra é historicamente importante dentro de um campo pouco conhecido no Brasil, mas que vem sendo resgatada no sentido de ampliar sua divulgação em espaços

---

<sup>3</sup> Neste período acontecem várias tentativas de revolução da classe operária na Europa, pois sua autonomia como classe se amplia e a classe trabalhadora radicaliza em suas ações e lutas.

importantes para a classe operária e sua organização<sup>4</sup>. Sua perspectiva retoma fundamentos importantes da obra de Marx como a questão da luta de classes, a auto-organização da luta operária, bem como da emancipação da classe operária, o que será trabalhado nas próximas páginas desse artigo.

### **O trabalho na sociedade capitalista**

Estudar o trabalho e suas relações no interior da sociedade capitalista, torna se importante no sentido de se revelar um fenômeno que muitas vezes é apontado como algo bom para os indivíduos. Na realidade concreta, o trabalho pressupõe exploração, opressão, dominação e um forte controle sobre a vida dos indivíduos em geral. Assim, não é nada bom para os trabalhadores, mas esses necessitam trabalhar para sobreviver nessa forma de sociedade.

A classe operária historicamente produz toda a riqueza da sociedade capitalista, pois desde o princípio do processo de industrialização na Europa, a burguesia precisou e precisa do trabalho da classe operária para produzir riqueza e ao mesmo tempo realizar a manutenção de toda a sociedade e dos interesses individuais da classe dominante. Todo o processo de produção de mercadorias é fruto do trabalho humano dos trabalhadores em fábricas e indústrias e diversos outros locais no qual desenvolvem essas atividades, mas nem sempre recebem um salário digno para realizar a manutenção de suas vidas ou de suas famílias<sup>5</sup>, ao mesmo tempo em que vivem uma vida de limitações e miséria.

Segundo Pannekoek (2018) quanto mais conhecimento os trabalhadores tiverem da sociedade e da posição do trabalho dentro dela, menores serão as dificuldades, os desapontamentos e os retrocessos que encontrarão em seus esforços. Ao conhecer sobre as relações de trabalho estabelecidas no interior da sociedade capitalista, os operários irão entender de forma mais ampla o que é a exploração e dominação no local de trabalho, bem como o conjunto das relações sociais que se estabelecem nesses espaços. Mas, por outro lado, a classe dominante e seus ideólogos, visam manipular para inverter essa realidade,

---

<sup>4</sup> Dentre as obras que contribuem com a divulgação do pensamento de Anton Pannekoek, temos o texto introdutório de Nildo Viana na qual discute a auto-organização da classe trabalhadora e que tem como título: Pannekoek: *Das organizações burocráticas à auto-organização*. O texto de Viana (2011) é uma introdução crítica sobre a obra Partidos, sindicatos e conselhos operários de Anton Pannekoek. Outra obra interessante sobre essa temática é: MAIA, Lucas. *Comunismo de conselhos e autogestão social*. Pará de Minas, Editora Virtual Books, 2010.

<sup>5</sup> Karl Marx (2004) nos *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* desenvolve uma crítica sobre essas relações de trabalho e posteriormente é aprofundada na obra *O Capital* (1988).

geralmente produzindo falsos saberes (ideologia) e ideias no sentido de inverter a realidade dos trabalhadores.

Nas relações de trabalho na sociedade contemporânea temos diversas formas (trabalho em indústrias, minas, fábricas etc.), onde os operários se inserem para receber um salário e realizar a manutenção de sua vida. Ao necessitar de um trabalho, o operário vai se submeter às diversas regras e normas que são instituídas. Neste sentido, podemos observar alguns apontamentos sobre as relações de trabalho. Como bem se sabe, o modo de produção capitalista é dinâmico e está em constante processo de mudança, o que gera uma sucessão de regimes de acumulação. Para cada regime de acumulação, surge uma nova forma de Estado, uma nova forma de organização do trabalho e uma nova forma de relações internacionais. Atualmente, o modo de produção capitalista encontra-se sobre o regime de acumulação integral, o que de certa forma faz com que se tenha uma organização e relações sociais de trabalho diferentes das do período em que Pannekoek produziu suas obras, que foi no final do regime de acumulação conjugado.

Atualmente, a produção é dominada pelo capital. O capitalista possuidor do dinheiro, fundou a fábrica, comprou as máquinas e os materiais brutos, e contrata os trabalhadores, fazendo-os produzir bens que podem ser vendidos. Isso é, ele compra a força de trabalho dos trabalhadores para que ela seja gasta em suas obrigações diárias, e lhes paga seu valor, os salários pelos quais eles buscam o que precisam para viver e continuamente recuperar sua força de trabalho. O valor que um trabalhador cria em seu trabalho diário acrescentando valor aos materiais brutos é maior do que o que necessita para sua vida e o que recebe por sua força de trabalho (PANNEKOEK, 2018, p. 46).

Nesta análise, o autor nos mostra como ocorrem as relações de trabalho na sociedade capitalista, onde o capitalista é o detentor do capital, das ferramentas, equipamentos e máquinas. Assim, ele compra a força física e intelectual dos trabalhadores para produzir mercadorias dentro de suas fábricas e indústrias. Posteriormente essas mercadorias são comercializadas no mercado de bens e serviços. Ao realizar uma atividade de trabalho, o operário recebe um salário que normalmente é definido em termos de valores pelo capitalista e não pelo próprio operário.

O operário vende sua força de trabalho porque precisa sobreviver e ao mesmo tempo recuperar suas forças para dar continuidade em suas atividades no interior das fábricas e indústrias<sup>6</sup>. Desta maneira, o trabalhador produz mercadorias e conseqüentemente riqueza

---

<sup>6</sup> Na realidade na qual o operário se encontra ele não se reconhece no trabalho em que realiza, ou seja, seu trabalho é alienado. Sobre a alienação do trabalhador ver a obra de Karl Marx *Os Manuscritos Econômicos e Filosóficos* (2004).

para seu patrão que lhe paga um salário, mas esse salário nem sempre é suficiente para que este possa viver minimamente com dignidade. Geralmente vai acontecer do trabalhador ficar desapontado e insatisfeito com seu salário e com as suas condições sociais de vida, pois normalmente este não consegue consumir o que de fato necessita para sua sobrevivência.

Na verdade, o objetivo do capitalista proprietário de fábricas e indústrias em geral, não é gerar bem-estar para o operário, mas sim obter o lucro<sup>7</sup> que é a base para o desenvolvimento de sua empresa e “*desgraça*” para o operário. Nas palavras de Pannekoek (2018) há muitos casos onde é mais lucrativo produzir luxo para os ricos ou lixo para os pobres, ou vender toda a produção para um competidor que pode fechá-la. Isso apenas mostra que o objetivo principal da produção presente é o lucro para o capital e não o conforto dos trabalhadores. Na contemporaneidade, muitos objetos (mercadorias) produzidas são descartadas muito rapidamente, muitas vezes pela péssima qualidade ou até mesmo pela forma simples que é descartada pelos seus consumidores, que só percebem que foram enganados após a compra, vendo que aquele produto não tem utilidade para ele.

Isto demonstra mais uma vez que os capitalistas não estão preocupados com a saúde física ou mental dos trabalhadores, mas somente que esses possam trabalhar cada vez mais e ampliar os lucros de suas empresas. De fato, na sociedade capitalista, os indivíduos pertencentes as classes privilegiadas, podem consumir produtos de luxo e os operários compram o mínimo para sua sobrevivência, pois recebem um salário de miséria.

Desde a primeira Revolução Industrial na Inglaterra na segunda metade do século XVIII as formas de trabalho se desenvolveram. Essas mudanças são fruto da ação de cientistas e pesquisadores que atuam no sentido de realizar o desenvolvimento do saber para ser aplicado no espaço da produção. São novas técnicas aplicadas no âmbito da produção. Assim, a ciência está a serviço dos capitalistas e do capital para poder fazer ampliar as formas de exploração e dominação no local de trabalho. Por outro lado, existem os ideólogos e cientistas da classe dominante que representam e reproduzem os interesses da classe dominante através de seus projetos e criações. O modo de produção capitalista é composto por uma série de classes sociais, sendo a burguesia e o proletariado as duas classes fundamentais.

---

<sup>7</sup> No processo de exploração da classe operária, ocorre a extração de mais-valor absoluto e relativo, que é abordado por Marx no volume I de O Capital.

Ainda assim, cada uma dessas classes sociais produz suas ideologias ou teorias de acordo com os seus interesses, que no caso da classe operária e das demais classes inferiores é a crítica e superação do modo de produção capitalista. Desta forma, temos a manifestação da luta entre as classes sociais na defesa de seus interesses, obviamente que cada classe social vai a partir dos seus interesses e valores defender suas posições

Desta forma, Pannekoek (2018) aponta que a organização da produção dentro da fábrica é conduzida de acordo com duas linhas: a organização técnica e a comercial. O rápido desenvolvimento da técnica no último século, baseado num maravilhoso crescimento da ciência, melhorou os métodos de trabalho em todos os ramos. Neste sentido, o aperfeiçoamento amplia a produção e diminui postos de trabalho, jogando milhares de trabalhadores para fora do mercado de trabalho e ao mesmo tempo em uma miséria social e econômica.

Muitas vezes os grupos ou as classes sociais desenvolvem uma mentalidade de que o saber e as formas de novas descobertas das ciências em geral, são utilizados para resolver problemas, mas que não são de toda a sociedade, mas sim de alguns poucos privilegiados, pois geralmente o indivíduo tem que pagar por aquele serviço. Aqui está presente que a cada nova invenção no campo da indústria ou das fábricas é sinônimo da ampliação da exploração dos trabalhadores. Essas invenções técnicas são racionalizadas e aplicadas no âmbito das relações de trabalho e ao mesmo tempo podem até diminuir a força aplicada pelo trabalhador, mas por outro lado, acelera o ritmo da produção, pois sabemos que a cada instante uma nova técnica vai gerar mudanças no ambiente de trabalho.

Dependendo da atividade exercida, pode ocorrer uma diminuição da utilização da força física, mas o que se tem presenciado no regime de acumulação integral e na forma de organização do trabalho toyotista que o integra, é um aumento do aproveitamento das habilidades mentais e psicológicas dos integrantes da classe operária e das demais classes inferiores. O trabalhador hoje se transformou em um trabalhador polivalente, que exerce diversas tarefas dentro do processo de produção, o que muitas vezes pode acarretar em um esforço excessivo, seja ele físico ou mental.

Entretanto, é importante entender que o trabalho no capitalismo está cada vez mais complexo, onde os operários e trabalhadores tem que se submeter as condições diversas de trabalho, exploração, dominação e pressões psicológicas. Em suma, o autor nos aponta alguns elementos importantes sobre essas relações:

O trabalho sob o capitalismo é em sua natureza essencial a um sistema de pressão. Os trabalhadores devem ser levados ao esforço último de suas capacidades, ou pela constrição ou pelas artes mais gentis da persuasão. O capital em si é uma constrição; se não pode competir, se os lucros são inadequados, o negócio irá abaixo. Contra essa pressão os trabalhadores se defendem com uma resistência instintiva contínua. Se não o fizerem, mais do que a força de trabalho diária lhes seria tirada. Seria uma violência contra suas reservas de força corporal, sua força vital seria exaurida antes de seu tempo, o que em alguma medida é o caso mesmo agora; degeneração, aniquilação da saúde e força deles e seus filhos, seria o resultado (PANNEKOEK, 2018, p. 50).

Na prática a organização do trabalho em termos de gestão para o operário é coercitiva, para tanto devem utilizar um discurso para convencer o trabalhador a desenvolver suas atividades e produzir cada vez mais para a empresa e enriquecimento do patrão. De fato, a capacidade do operário de produzir é levada até seu esgotamento ou pela exploração direta, mas também com um discurso disfarçado, como o próprio Pannekoek utiliza o termo “*gentil*”. Fazem de tudo para ampliar cada vez mais o lucro da empresa e fortalecer a riqueza pessoal do capitalista. Para isso, utilizam esse tipo de discurso para agradar o trabalhador e o mesmo possa realizar ou desenvolver suas atividades dentro da normalidade na empresa.

Ao perceberem essas práticas os operários começam a se organizar e atuam em sua defesa. Ao reagir as práticas de exploração e ampliação destas o trabalhador passa a lutar pelos seus interesses imediatos. Desta forma, com o tempo passam do imediatismo a questões mais organizadas e a radicalidade nas suas ações começam a aparecer no sentido da defesa dos seus interesses. O trabalho no capitalismo é desumano e vai contra o que de fato seria o trabalho no qual os indivíduos deveriam desenvolver em outro modelo de sociedade. Nesta perspectiva, Pannekoek (2018) vai afirmar que o trabalho em si não é repulsivo. O trabalho para suprir as necessidades do homem é imposto a ele pela natureza. Como todos os seres vivos, o homem precisa exercer sua força para prover sua comida, algo radicalmente distinto das formas e relações de trabalho na sociedade capitalista em que é baseado na exploração dos trabalhadores em geral.

Historicamente o trabalho é transformado na sociedade capitalista, onde o valor de troca passa a ser predominante nesse modelo de sociedade. O trabalhador é obrigado a vender sua força de trabalho em troca de um salário, pois na sociedade capitalista e sua distinção de classe entre burgueses e proletários (e trabalhadores em geral), onde o segundo carrega todo o peso da sociedade, bem como é o responsável por produzir toda riqueza existente na sociedade. Os primeiros vivem do fruto da exploração, dominação e do trabalho dos operários, pois são proprietários dos meios de produção.

Ao analisar as relações de trabalho no capitalismo, Pannekoek (2018) afirma que quanto mais valor ele produz e menos valor ele consome, maior é o mais-valor tomado pelo capital, pois o seu salário é cada vez menor. Assim, necessidades vitais dos operários são diminuídas, seu padrão de vida é rebaixado ao máximo possível, o ritmo de seu trabalho é acelerado. Essa é uma questão que já era apontada por Marx (2004), pois quanto mais riqueza o trabalhador produz, mais pobre ele fica. Sua vida em termos de bem-estar ou até mesmo de sobrevivência se torna limitada e a escassez é real. Entretanto, cada vez mais os capitalistas ampliam a exploração e o ritmo de trabalho é acelerado, onde os investimentos em novas técnicas e tecnologias no ambiente de trabalho são constantes.

Portanto, essas são as principais contribuições de Anton Pannekoek para compreendermos algumas questões fundamentais sobre as relações de trabalho na sociedade capitalista. O operário ao estabelecer uma relação de trabalho tem sua liberdade limitada, pois o ambiente geralmente é organizado para estabelecer um forte controle sobre suas ações, exploração e dominação. E qual seria o caminho para os operários saírem dessas condições? Inicialmente a sua auto-organização e luta no sentido da defesa dos seus interesses. O caminho final é a transformação social e a superação do modo de produção capitalista, que virá como consequência da radicalização das lutas de classes. Esse caminho é longo e árduo, mas deve ser construído pela classe operária em luta. É esse ponto que iremos discutir na parte seguinte deste artigo.

### **As transformações nas relações de trabalho e a sociedade futura**

A Revolução Social em sua totalidade<sup>8</sup> está ligada diretamente a classe operária, pois historicamente foi essa classe social que buscou a partir de suas ações organizadas a transformação social radical das relações sociais. Em vários momentos da história da classe operária, esta tentou irromper contra as formas de organização do trabalho, das instituições na sociedade capitalista e suas relações sociais de dominação e exploração<sup>9</sup>. Por isso, esse tema se torna central para compreendermos os reais interesses e motivos na busca por uma mudança brusca e radical das relações sociais.

---

<sup>8</sup> Um estudo que realiza uma ampla reflexão sobre a Revolução Proletária é a obra de Otto Rühle (1975). Este autor retoma a obra e o pensamento de Marx e vai demonstrar as transformações sociais *Da Revolução Burguesa à Revolução Proletária*.

<sup>9</sup> Podemos citar algumas das tentativas de revolução da classe operária, desde a Comuna de Paris em (1871), a Revolução Russa de (1905) e (1917), Na Alemanha no início do século XX.



Anton Pannekoek, foi um dos autores que contribuíram com a luta e organização da classe operária, produzindo um conjunto de textos e obras que estavam ligados diretamente aos interesses e luta dos operários. Então, nesse item deste artigo, trataremos de pontos importantes de como esse autor buscou analisar as mudanças nas relações de trabalho e pensar uma sociedade futura, através dos conselhos operários, que são uma forma de organização dos próprios trabalhadores, feita de maneira autônoma e sem o controle de patrões, burocratas ou dirigentes.

Na perspectiva de Pannekoek (2007) a classe operária não pode ser libertada por outros; só pode ser libertada por ela própria. Assim, podemos perceber que a classe operária é capaz de realizar o enfrentamento do capital e seus representantes, pois esses irão defender fortemente seus interesses e riquezas materiais. Toda essa riqueza é fruto da exploração da classe operária, sendo que nesta forma de analisar essas relações no sentido da transformação social, Pannekoek aponta que a classe operária tem força e poder para ir contra o domínio do capital e dos capitalistas. Em sua luta que começa no local de trabalho, é preciso que os operários organizados passem a perceber e agir no sentido da sua autonomia no controle de suas lutas, pois estes não precisam de líderes políticos para poder lutar e ir contra o poder e o domínio dos capitalistas da classe dominante.

Entretanto, quando falamos das ações da classe operária em relação ao caminho que esta deve seguir para a transformação radical das relações sociais, trata-se de uma tarefa complexa e em que cotidianamente estes devem se preparar. Desta maneira, podemos perceber mais alguns apontamentos interessantes sobre essa questão, pois é fundamental para toda a classe operária.

Mas a luta será longa e difícil, porque o poder da classe capitalista é enorme. Firmemente enrincheirada no aparelho de Estado e no governo, ela tem à sua disposição todas as instituições e todos os recursos daqueles, toda a sua autoridade moral e todos os meios físicos de repressão. Dispõe de todos os tesouros da terra e pode despender somas ilimitadas para recrutar, pagar, organizar exércitos de defensores, para orientar a opinião pública. As ideias, as suas concepções impregnam toda a sociedade, enchem livros e jornais, subjagam a própria consciência dos trabalhadores. É esta a principal fraqueza das massas (PANNEKOEK, 2007, p. 70-71).

A classe burguesa como o autor aponta acima, além de ter um forte poder, quer continuar exercendo o controle do mesmo, fazendo o uso de todas as forças possíveis, tanto sociais, políticas, econômicas e até mesmo morais (imposição de seus valores e crenças). As instituições atuam em favor da classe dominante, inclusive para o uso da força física se for

preciso, mas em casos de acirramento das lutas sociais dos trabalhadores que em alguns momentos contestam de forma radical essas instituições e seu modelo de organização, geralmente são utilizadas em favor da classe dominante e contra os trabalhadores. O Estado como uma instituição vai fazer o uso do discurso que atua em nome da coletividade, do bem comum, mas não passa de um discurso representativo para convencer a sociedade civil.

Como nessa relação entre Estado e classe dominante, estes têm todos os recursos possíveis para defender o seu poder constituído, inclusive pagando altos salários para integrantes da classe dos intelectuais conservadores para atender aos seus interesses. Por outro lado, os intelectuais engajados<sup>10</sup> atuam no sentido da defesa dos interesses da classe operária, pois toda sua produção tem esse direcionamento e ao mesmo tempo amplia a luta cultural dos trabalhadores para que estes possam receber informações que possam contribuir com suas lutas no cotidiano de trabalho.

Todo esse poder vai gerar certo domínio das relações sociais no interior da sociedade capitalista, mas esse não é totalizante e a classe operária organizada tem condições de ir a frente e realizar o acirramento das lutas em determinados momentos. Esse poder e domínio não deve ser o limitador das ações da classe operária organizada, mas sim, entender e reconhecer sua força e lutar contra ele é essencial para os trabalhadores organizados e em luta. Essa é uma das formas da luta de classes que está presente na sociedade capitalista, mas que algumas instituições como o Estado muitas vezes atuam para desviar ou mesmo controlar essa luta.

Quando nos referimos a Revolução Proletária, esta pode começar em alguns espaços isolados, mas vai ganhando força e se tornando cada vez mais forte e universalizante, pois os trabalhadores de todo o mundo têm cada vez mais uma forte consciência e solidariedade para poder agir e fortalecer sua organização. Por outro lado, nas reflexões de Pannekoek (2007), não podemos prever quais as tempestades da política mundial que irão acordar essas forças. Mas de uma coisa podemos estar certos, é de que isto não será produto de alguns anos, nem de um breve combate revolucionário. É um processo histórico que abrangerá todo um período, com avanços e recuos, com batalhas e calmarias, mas seguindo sempre uma progressão constante.

---

<sup>10</sup> A questão do intelectual engajado é uma temática importante para entendermos suas ações no sentido da defesa da classe operária. Não vamos retomar esse tema neste artigo, mas indicamos uma obra que pensa o tema: *Sociedade, Intelectualidade e engajamento* de Erisvaldo Souza (2021)

Ainda assim, Pannekoek (2007), reconhece que tecnicamente e economicamente, a sociedade é dominada pelas grandes empresas, pelo grande capital. Os grandes capitalistas, em si, representam, contudo apenas uma minoria da classe dominante. Sem qualquer dúvida que tem por detrás deles frações da classe burguesa como os acionistas. Mas estes não passam de simples parasitas, não podendo ser-lhes de grande utilidade na luta de classes. A sociedade capitalista é carregada de contradições e no processo revolucionário essas contradições serão evidentes, mas com o processo revolucionário em curso, estas se ampliam cada vez mais. As transformações nesse processo em alguns momentos avançam e também podem recuar, isso vai depender das forças em luta. Obviamente que cada classe social em luta, vai defender seus interesses e o processo pode se desenvolver em favor da classe proletária ou a retomada do poder dos capitalistas.

Podemos dizer então, que a Revolução Social na qual estamos nos referindo é fruto de ações organizadas da classe operária, da luta de classes, da sua contestação radical das relações no interior da sociedade capitalista, da exploração nas fábricas e indústrias, nas minas de produção de minério e demais locais de trabalho. Trata-se de um processo amplo e complexo em que a classe operária não pode temer os senhores donos do capital e seus representantes na busca para inaugurar uma nova forma de sociedade e assim, fundar uma sociedade em novas bases.

Pannekoek (2007) vai afirmar que o sistema social no qual defende, poderia ser designado por comunismo não fosse o caso desta palavra ser utilizada na propaganda mundial do “*Partido Comunista*”<sup>11</sup> para denominar o seu sistema de socialismo de Estado, sob uma ditadura do partido. Mas que importa um nome? Sempre se abusou dos nomes para enganar a classe operária. Portanto, em vez de procurarmos o nome que mais convém, será sim de maior utilidade examinar mais de perto a característica principal do sistema: a organização dos conselhos operários. Pois, são os conselhos operários a forma defendida por Pannekoek como sendo o modelo de organização da nova sociedade, que pode ser entendida também como a sociedade comunista, autogerida, autogestionária, onde os trabalhadores serão livres e ao mesmo tempo podem desenvolver todas as suas potencialidades humanas.

---

<sup>11</sup> No discurso dos representantes dos partidos políticos, inclusive os bolcheviques na qual o autor se refere acima, estes fazem o discurso para atingir os trabalhadores, mas na prática esses partidos não representam os trabalhadores, mas sim, uma forte burocracia e a classe dirigente inserida no partido político. Para uma crítica aos partidos políticos podemos citar a obra: *Reflexões Sobre o Socialismo* de Maurício Tragtenberg (2008), editora da Unesp. *Partidos Políticos, intelectuais e conselhos operários* de Erisvaldo Souza (2018) Editora Virtual Books (2018) e *O que são partidos políticos?* de Nildo Viana, Editora Germinal (2003).

Desse modo, podemos inserir mais algumas informações importantes em relação aos conselhos operários, assim ampliando a compreensão desse fenômeno como uma mudança radical das relações sociais.

Os conselhos operários constituem a forma de autogoverno que substituirá, no futuro, as formas de governo do velho mundo. Não para sempre, bem entendido; nenhuma destas formas é eterna. Quando a vida e o trabalho em comunidade constituem uma maneira normal de existir, quando a humanidade controla inteiramente a sua própria vida, a necessidade cede o lugar à liberdade e as regras estritas de justiça estabelecidas anteriormente convertem-se num comportamento espontâneo. Os conselhos operários constituem a forma de organização desse período de transição durante o qual a classe operária luta pelo poder, destrói o capitalismo e organiza a produção social. Para conhecermos o seu verdadeiro caráter, será útil compará-los às formas existentes de organização e de governo, que o hábito apresenta ao juízo público como coisas evidentes (PANNEKOEK, 2007, p. 91).

Ou seja, da sociedade capitalista, que vai sendo ao longo do processo revolucionário superada pela nova sociedade, onde passa a existir de fato a liberdade, a solidariedade e justiça social. Então, trata-se de uma sociedade na qual os indivíduos não mais são explorados e dominados pelos capitalistas, mas sim, agora tem a chance de uma vida radicalmente distinta e nova em novas bases sociais e econômicas. Para chegar a esse novo modelo de sociedade, inicialmente a classe operária vai ter que destruir todas as estruturas da sociedade capitalista, sua forma de organização, partidos políticos, sindicatos, Estado e outras formas de organização burocráticas que agem em nome da classe dominante e que atuam contra os operários e trabalhadores em geral. Por fim, trata-se de uma nova sociedade fundada em outros valores e perspectivas sociais e políticas. Pannekoek (2011) diz que lutar pela liberdade, não é deixar os dirigentes decidir em seu lugar, nem segui-los com obediência, e poder repreendê-los de vez em quando. Bater-se pela liberdade, é participar com todos os seus meios, é pensar e decidir por si mesmo, é tomar todas as responsabilidades enquanto pessoas entre camaradas iguais.

### **Considerações finais**

Neste artigo, apresentamos a concepção de trabalho na sociedade capitalista de Anton Pannekoek e ao longo deste foi possível perceber como o autor realiza a crítica as relações de trabalho nesse modelo de sociedade. O trabalho na sociedade capitalista visa explorar a classe operária e demais trabalhadores no sentido da extração do mais valor, ou seja, o trabalhador vai realizar suas atividades e produzir bem mais do que deveria, sendo assim, os capitalistas obtêm o lucro a partir da exploração do trabalho dos operários e demais

trabalhadores. Ao realizar sua análise Pannekoek apresenta toda uma concepção distinta para que possamos perceber como avançar para uma nova forma de sociedade, radicalmente nova e distinta da anterior, ao mesmo tempo em que defende os conselhos operários como sendo uma forma de organização coletiva e autônoma dos trabalhadores que segundo ele, precisam se organizar para destruir a sociedade capitalista e suas relações sociais e inaugurar uma nova sociedade, que é a sociedade comunista.

### **Referências**

MAIA, Lucas. *Comunismo de conselhos e autogestão social*. Pará de Minas, Virtual Books, 2010.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. São Paulo, Editora Boitempo, 2004.

MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1988. Vol. 01.

PANNEKOEK, Anton. *Os Conselhos de trabalhadores*. Curitiba, Editora Ldopa, 2018.

PANNEKOEK, Anton. *Partidos, sindicatos e conselhos operários*. Rio de Janeiro, Rizoma Editorial, 2011.

RÜHLE, Otto. *Da Revolução Burguesa à Revolução Proletária*. Porto, Publicações Escorpião, 1975.

SOUZA, Erisvaldo. *Partidos Políticos, intelectuais e conselhos operários*. Pará de Minas, Editora Virtual Books, 2018.

SOUZA, Erisvaldo. *Sociedade, intelectualidade e engajamento*. Pará de Minas, Editora Virtual Books, 2021.

TRAGTENBERG, Maurício. *Reflexões sobre o Socialismo*. São Paulo, Editora da Unesp, 2008.

VIANA, Nildo. *O que são partidos políticos?*. Goiânia, Edições Germinal, 2003.